

Entre o Ouro, o Café e a Memória: Paraíba do Sul na Formação do Brasil Imperial

Sarah Baptista

Sarah Baptista

BAPTISTA, Sarah. Entre o Ouro, o Café e a Memória: Paraíba do Sul na Formação do Brasil Imperial: Sarah Baptista. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em:
<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/entre-o-ouro-o-cafe-e-a-memoria-paraiba-do-sul-na-formacao-do-brasil-imperial>.

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/entre-o-ouro-o-cafe-e-a-memoria-paraiba-do-sul-na-formacao-do-brasil-imperial>

Área: Artigos Acadêmicos

Publicado em 05 de fevereiro de 2026

Escrever sobre Paraíba do Sul é escrever sobre uma cidade que aprendeu cedo a cobrar passagem ao tempo. Não apenas no sentido simbólico, mas literal. Aqui, o Brasil começou a entender que caminho é poder — e que atravessar tem preço.

Antes de qualquer vila, de qualquer praça ou palacete, esta terra já era rio. Os Puris, primeiros habitantes, sabiam disso: o Paraíba do Sul não era obstáculo, era eixo. Quando os portugueses chegaram no final do século XVII, repetiram o gesto indígena de seguir a água. Em 1681, a pequena capela de São Sebastião marcou o início de um núcleo fixo, mas foi a lógica do trânsito que realmente fundou a cidade. Paraíba do Sul nasceu porque alguém precisava passar.

Esse alguém foi Garcia Rodrigues Paes, entre 1698 e 1704, ao abrir o Caminho Novo, ligando diretamente as Minas Gerais ao Rio de Janeiro. O caminho encurtava distâncias, mas aumentava o controle da Coroa sobre o ouro. A partir daí, a vila se tornou passagem obrigatória: tropeiros, bandeirantes, funcionários reais, contrabandistas discretos. O ouro não dormia aqui — mas deixava rastros.

Não por acaso, a cidade se inscreve na história da Inconfidência Mineira de forma brutal. Em Sebolhas, partes do corpo de Tiradentes foram expostas após sua execução, como advertência visível da Coroa Portuguesa. O local abriga hoje o Museu Sacro de Tiradentes, reconhecido como o primeiro museu do Brasil dedicado ao inconfidente e guardião do único túmulo oficial de seus restos mortais. Aqui, a independência foi lembrada não como promessa, mas como punição.

O século XIX deslocou o eixo econômico do ouro para o café, e Paraíba do Sul prosperou. A cidade foi elevada à categoria de vila em 1836, crescendo impulsionada pelas fazendas cafeeiras e, mais tarde, pela Estrada de Ferro, inaugurada em 1861. Mas antes mesmo dos trilhos, foi a ponte que definiu o caráter urbano e fiscal da cidade.

A Ponte do Barão de Mauá, inaugurada em 1857, não foi apenas um feito de engenharia — foi um experimento de modernidade. Construída para atravessar o Rio Paraíba do Sul, ela se tornou o primeiro pedágio oficialmente registrado no Brasil. Quem passava, pagava. Pessoas, tropas, mercadorias, animais. O valor arrecadado servia à manutenção da própria ponte e à circulação econômica regional. Não era apenas infraestrutura: era um modelo de gestão, uma antecipação do Estado moderno financiado pelo fluxo. Essa ponte ensinou algo essencial: Paraíba do Sul não era apenas caminho — era

controle do caminho. O pedágio transformou a travessia em poder político e econômico, consolidando a cidade como eixo estratégico do Vale do Paraíba. Até hoje, ao atravessá-la, sinto que não cruzo apenas um rio, mas uma ideia fundadora do país.

Durante o Segundo Reinado, Dom Pedro II deixou sua marca na cidade de maneira mais visível e documentada que seu pai. Em 1868, foi implantado o Jardim Velho, atual Praça Marquês de São João Marcos, com palmeiras imperiais dispostas em forma de cruz de Malta. Nada ali foi casual: a cruz simbolizava ordem, império, continuidade e centralidade do poder. O imperador esteve na região, manteve relações próximas com famílias locais e fez breves passagens por fazendas como a Fazenda Maravilha do Governo, acompanhado de sua comitiva.

Nesse mesmo período, surgiram os palacetes baroniais, em estilo neoclássico com influências ecléticas, típicos do ciclo do café. Fachadas simétricas, janelas altas, salões amplos. Muitos desses edifícios hoje abrigam a Câmara Municipal e a Prefeitura, transformando o antigo poder privado dos barões em espaço público institucional — uma ironia silenciosa da história.

A fé sempre acompanhou esse processo. O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, inspirado no congênere mineiro, tornou-se centro de peregrinação anual, enquanto a Igreja Matriz consolidava a vida social. Paralelamente, a cidade ganhou o título de “Rainha das Águas Minerais”, graças às fontes do Parque Salutaris, onde águas alcalinas, magnesianas e ferruginosas atraíam visitantes em busca de cura e descanso, quando saúde e natureza ainda caminhavam juntas.

A cidade também participou, discretamente, da história cultural brasileira. Aqui viveu e morreu a primeira esposa de Heitor Villa-Lobos, musicista erudita, conhecedora profunda de teoria musical, que acompanhou o compositor em momentos decisivos de sua formação artística. Histórias como essa não costumam figurar nos manuais, mas moldam a civilização tanto quanto os grandes nomes.

Hoje, Paraíba do Sul permanece atravessável — por trilhas, ciclovias, estradas da Estrada Real, trilhos da Maria-Fumaça, pontes antigas e novas. A zona rural preserva cachoeiras, fazendas históricas, hotéis-fazenda e áreas verdes. A cidade é calma, acolhedora, marcada por famílias tradicionais e por uma memória que não se apaga.

Talvez por isso, viver aqui seja compreender que o Brasil não se fez apenas nos grandes centros. Fez-se também nessas cidades-ponte, que ligaram riquezas, ideias, impérios e pessoas.

Paraíba do Sul não apenas deixou o Brasil passar. Ela cobrou, organizou, hospedou, puniu, celebrou e permaneceu.

E ainda permanece.

Sarah Baptista

Membro Acadêmico ABHL

COMO CITAR

BAPTISTA, Sarah. Entre o Ouro, o Café e a Memória: Paraíba do Sul na Formação do Brasil Imperial: Sarah Baptista. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/entre-o-ouro-o-cafe-e-a-memoria-paraiba-do-sul-na-formacao-do-brasil-imperial>.